

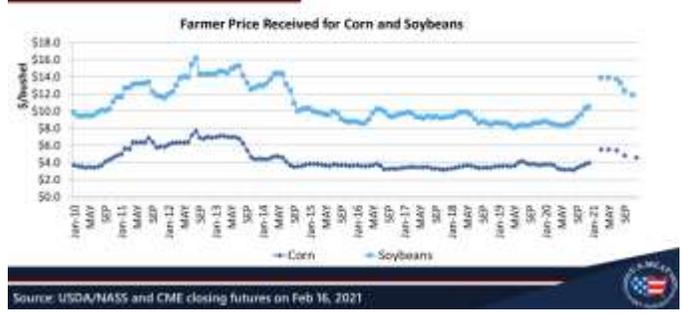


Produção, Comércio e Sustentabilidade da Carne de Bovino e de Suíno nos E.U.A. Fevereiro 2021

Custos de alimentação mais elevados e condições de seca são a principal preocupação dos produtores

Os níveis de produção de milho e soja nos E.U.A. recuperaram na campanha de comercialização de 2020/2021 (setembro – agosto), depois da descida em 2019/2020, estimando-se que a produção de milho de 2020/2021 tenha um aumento de 4%, atingindo 14,182 mil milhões de alqueires (a 5ª produção anual mais elevada) e que a produção de soja aumente 16%, atingindo 4,135 mil milhões de alqueires (a 4ª produção anual mais elevada). Os EUA são responsáveis por cerca de um terço da produção global de soja e milho, sendo o maior produtor mundial de milho, enquanto o Brasil é o maior produtor mundial de soja. Espera-se que o Brasil registre uma produção recorde em 2020/21, com um aumento de 7% na produção de milho e de 6% na produção de soja. As previsões de fevereiro do USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) apontam para níveis recorde de exportação de milho e de soja na ordem dos 2,6 mil milhões de alqueires (66 milhões de toneladas), um aumento de 46%, e 2,25 mil milhões de alqueires (61 milhões de toneladas), um aumento de 34%, respectivamente em 2020/2021 devido à procura por parte da China. Os dados semanais do USDA/FAS relativos às exportações revelaram um aumento de 82% em relação ao ano anterior de 82% na exportação de milho e de 79% na exportação de soja, na campanha 2020/21 até 11 de fevereiro. No ano civil de 2020, a China representou 65% da importação global de soja, com as importações a aumentar 13%, atingindo 100,4 milhões de toneladas. Quanto às importações de milho, a China foi o 5º maior importador global (atrás dos Estados Unidos, Japão, México e Coreia do Sul), representando 10% das importações globais desse cereal até dezembro, com 11,3 milhões de toneladas um aumento de 136%. Com o crescimento das exportações, as existências finais nos EUA deverão ser as mais baixas desde 2013/14, o que levará a um aumento de preços e à limitação da oferta disponível no país para ração e trituração. Os preços do milho e da soja têm vindo a aumentar nos Estados Unidos desde o verão passado,

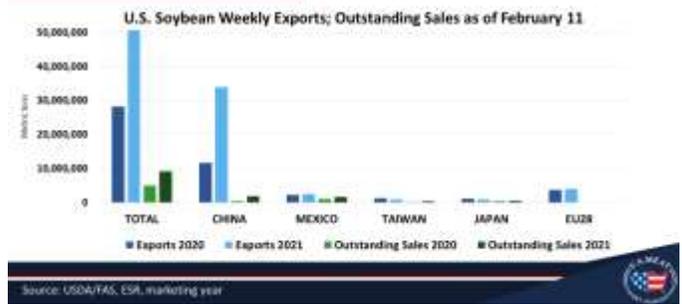
Futures are indicating that 2021 corn and soybean prices are expected to rebound to the highest level since 2013/14 on record large exports



Year-to-date corn exports up 82%; Outstanding corn export sales nearly three times year-ago



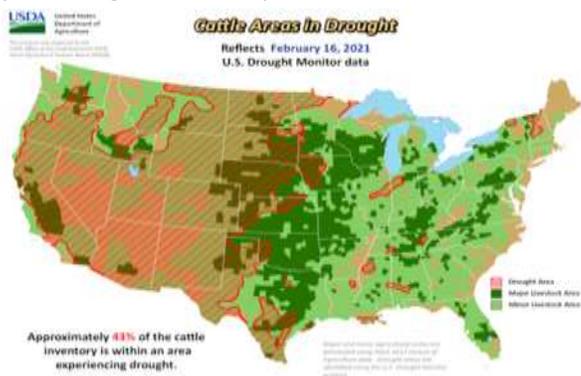
Year-to-date soybean exports up 79%; Outstanding soybean export sales up 82%



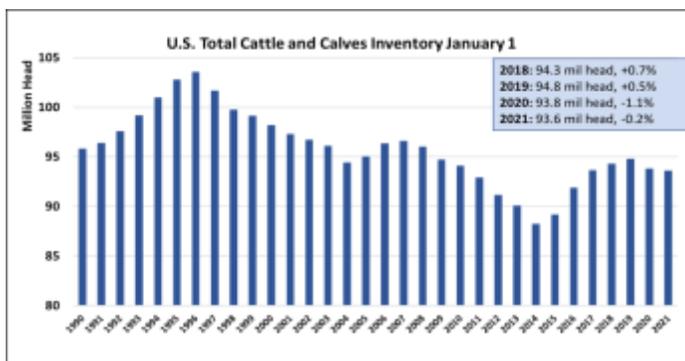
prevendo o USDA para 2020/21 que os preços médios anuais se situem no nível mais elevado desde 2013/14, a 4,30 dólares por alqueire de milho, um aumento anual de 21%, e 11,15 dólares por alqueire de soja, um aumento de 30%. Os preços DDDG (crescimento induzido pela procura interna) são também mais elevados, com menor produção de etanol devido ao abrandamento da procura de combustíveis nos Estados Unidos no contexto da pandemia. O aumento dos custos de alimentação não significa necessariamente a diminuição da produção de carne, sendo que em fevereiro, o USDA previa para 2021 uma produção

recorde da carne de bovino e da carne de suíno nos Estados Unidos.

A seca poderia ainda afetar a produção de carne de bovino no futuro nos Estados Unidos. Em meados de fevereiro, 43% do efetivo situava-se numa área sujeita a seca, quando na mesma altura do ano anterior a percentagem era de apenas 9%.

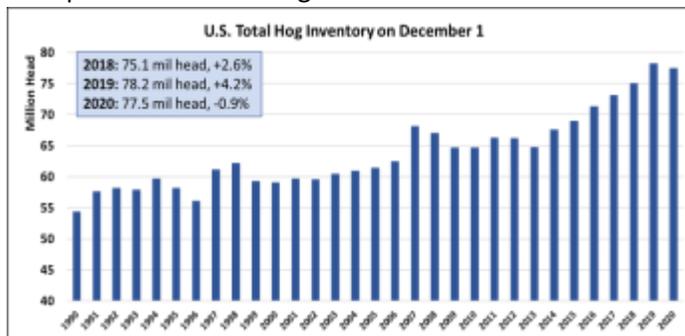


Inventário do efetivo de suínos em Dezembro e efetivo de bovinos em Janeiro ligeiramente abaixo dos números de há um

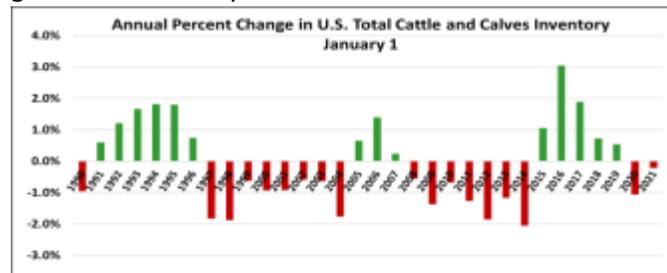


ano

O último relatório trimestral do USDA relativo ao gado suíno mostra que, a 1 de dezembro, o efetivo total tinha diminuído 0,9% relativamente ao ano anterior, enquanto o efetivo de gado suíno no mercado diminuirá



0,7%. Ambos os efetivos foram os segundos mais altos registados em dezembro depois de 2019. Depois do aumento verificado desde 2014, o efetivo reprodutor diminuiu 3% relativamente ao ano anterior, mas, com exceção de 2018 e 2019, ainda se encontrava nos níveis mais elevados desde a década de 90 do século passado. A redução do efetivo reprodutor reflete em grande medida os problemas sentidos na cadeia de



abastecimento em 2020, bem como a incerteza relativa à procura devido à pandemia em 2021 com o aumento do preço das rações.

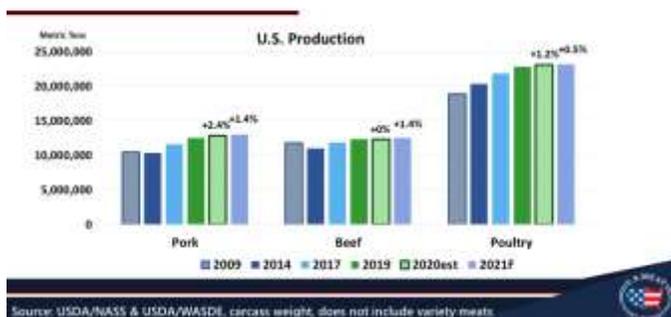
O relatório sobre o efetivo de janeiro revelou que, como era esperado, o número total de bovinos adultos e vitelos teve um ligeiro decréscimo pelo segundo ano consecutivo em 2021. A diminuição do rebanho bovino desde 2020 tem sido bastante moderada, tendo o decréscimo do efetivo de 1 de janeiro de 2021 sido de apenas 1,3% relativamente ao máximo de 94,8 milhões de cabeças do ciclo de 2019. A 1 de janeiro, o número de vacas para produção de carne tinha diminuído 0,6% em relação ao ano anterior, mas as novilhas destinadas a substituir as vacas para produção de carne haviam aumentado 0,1% após três anos de queda. O relatório sobre os efetivos mostrou ainda um número recorde da totalidade de bovinos estabulados em *feedlot*, com 14,7 milhões de cabeças a 1 de janeiro, mais 0,3% do que no ano passado.

A produção de carne continua em níveis recorde, mas o aumento em 2021 será o menos significativo dos últimos anos relativamente à carne de suíno e de aves de capoeira

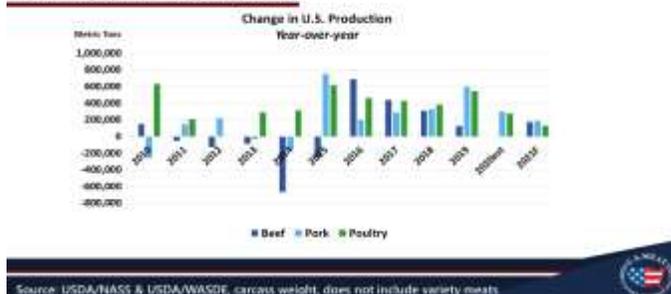
Apesar das perturbações decorrentes da pandemia, a produção das três principais espécies atingiu novamente um nível recorde nos EUA em 2020, com a produção de carne de suíno a aumentar 2,4%, a de aves de capoeira 1,1% e a de carne de bovino a manter-se

estável relativamente ao registo de 2019. Tratou-se do 6º ano consecutivo the produção recorde de carne de suíno e o 8º ano consecutivo de produção recorde de carne de aves de capoeira. O USDA prevê que em 2021 a produção de carne de suíno aumente 1,4%, a de carne de bovino também 1,4% e a de carne de aves de capoeira 0,5%, o que significaria o aumento menos significativo do volume de carne de suíno e de aves de capoeira produzida nos últimos anos. Na primeira metade de 2021 a produção de carne de suíno deve aumentar 2,8% em relação ao ano passado e que a produção do segundo semestre se mantenha estável em relação ao mesmo período do ano anterior. Quanto à carne de bovino, a produção do primeiro semestre deverá ser 6,8% superior à do ano passado, com uma diminuição de 3,5% no segundo semestre.

USDA forecasting record production for pork, beef, and poultry in 2021



USDA expects continued production growth for pork and poultry in 2021 but at a slower pace than recent years, while beef production is expected to increase after holding steady in 2020



Os Estados Unidos têm alguns dos programas de bem-estar animal mais fortes do mundo

Em termos da exploração, os produtores podem optar por certificações individual e de local obtidas no âmbito de programas de adesão voluntária denominados Beef Quality Assurance (BQA) (BQA) e Pork Quality Assurance Plus (PQA+). A participação de produtores em ambos os

programas é superior a 85%, sendo aqueles motivados movidos por várias ordens de fatores, incluindo o facto de haver centros de abate que exigem que os animais sejam provenientes de explorações ou *feedlots* certificados; por outro lado, os agricultores e proprietários dos ranchos americanos revelam grande apetência para a melhoria contínua, especialmente com vista a garantir a existência de uma operação agropecuária que possa ser legada à geração seguinte.

No passo seguinte do processo de produção de carne, as práticas e programas de manipulação de animais utilizados nos centros de abate dos EUA são efetivamente a norma de ouro a nível mundial. O FSIS (Serviço de Inspeção de Segurança Alimentar) do USDA tem poder de supervisão ao abrigo da Lei de Métodos Humanos de Abate, em vigor há mais de um século. Além da supervisão regulamentar do FSIS, a maioria dos centros de abate de dimensão média a grande também funciona em conformidade com normas rigorosas emanadas por terceiros, como a U.S. Foodservice ou os retalhistas, e que vão para além dos requisitos regulamentares. Destas normas comerciais decorre que as fábricas se submetem a auditorias por terceiros (para além das inspeções diárias do FSIS), realizam auditorias internas diárias/semanais (imparciais ou não), exigindo que o pessoal que trabalha com animais tenha treino em práticas de manipulação de animais e até que utilize serviços de auditoria de rotina em vídeo de terceiros.



A sustentabilidade continua a ser o foco principal

É nos EUA que se situa uma das últimas grandes pradarias autóctones intactas do mundo. As Grandes Planícies da América do Norte não só retêm uma enorme quantidade de carbono como também servem de habitat a muitas aves e vida selvagem que constituem a biodiversidade nativa desta área situada na região central da América. A actividade de pastagem não só mantém um habitat para as aves e outras espécies como também melhora a produtividade das plantas e distribui as espécies por meio das sementes transportadas no intestino e no pelo do gado. Os bovinos herbívoros constituem uma fonte de rendimento para a América rural que também beneficia o ambiente, ajudando a evitar a conversão de pastagens em terras de cultivo, o que libertaria mais carbono na atmosfera e resultaria na perda do habitat da vida selvagem. Seja como for, 35% das terras dos EUA não são adequadas para produção agrícola seja de que tipo for, o que significa que o gado é a única forma de produzir proteínas alimentares de alta qualidade para consumo humano nestas áreas não cultiváveis, o que se consegue através da espantosa capacidade de conversão de resíduos (*upcycling*) do ruminante.

Mas a sustentabilidade não tem a ver apenas com proteção ambiental. A pecuária representa um benefício económico para as comunidades rurais, especialmente aquelas em que não existem outras indústrias/empregos devido à distância a que se situam dos grandes centros urbanos. Os impactos positivos dessa atividade são, por exemplo, a criação de uma base fiscal para as pequenas comunidades e a redução da pobreza. Permite também não só a preservação cultural do modo de vida rural num país cada vez mais urbanizado, como também melhora a qualidade de vida dos cidadãos que vivem nas áreas dos EUA responsáveis pela alimentação de milhões de americanos e de clientes internacionais.

Nos EUA, o gado bovino é acabado de criar com um regime alimentar de alta energia à base de milho, o que não só faz com que a carne bovina americana seja a mais deliciosa do mundo como também melhora a sua

BEEF
IT'S WHAT'S FOR DINNER™

Cattle: The Ultimate Upcyclers

Every day, cattle graze and unknowingly turn natural resources like solar energy and pastureland into high-quality proteins and other invaluable products. They're upcyclers that take otherwise useless materials, add nutritional and environmental value, and transform them into something more — a better protein in disguise.

What is Upcycling?

- A little bit of "reduce, reuse, recycle" and a lot of cattle's unique digestive system.
- About 90% of what cattle eat can't be digested by humans.
- Cattle consumes those inedible plants and transform them into high-quality, nutrient-rich protein.

How Do Cattle Upcycle?

Cows don't eat as much as they "chuck". They graze on the copious plants native to their surroundings that humans can't eat. They use their unique, four-compartment stomachs and digestive systems to gain nutritional value from the feed and forage. Their digestive systems house trillions of microbes that share a symbiotic relationship with the animal, allowing them to benefit from low-quality feed and forages that other animals can't digest.

#DYK

Corn going to feed beef cattle represents only **10%** of harvested corn grain in the U.S. or **8 million** acres.

By comparison, **37.5%** of corn acreage in the U.S. is used for producing fuel ethanol.

Approximately **35%** of the land in the contiguous U.S. is pasture or rangeland that is too wet, rocky, steep, or arid to support cultivated agriculture. This land is able to support cattle, sheep, and goats — and protein upcycling.

Impact: A Circular Economy

The real value in upcycling is adding renewed value to products. Chief among those benefits are:

- 1. Reduced Landfill**
Cattle can feed on byproducts from biofuel and food production industries, such as distiller grains and wheat millings, reducing the volume of waste going to landfills.
- 2. More than Meat**
More than 44% of an animal's live weight transforms into other goods such as:
 - Leather
 - Pharmaceuticals
 - Cosmetics
 - Pet Food
- 3. An Improved Ecosystem**
Properly managed cattle grazing can improve rangeland and wildlife habitats. As the global population continues to grow, ruminant animals like beef cattle can help us make more protein with less.

To learn more about the upcycling process and cattle's role in sustainability, visit BeefItWhatForDinner.com.
Sponsored by Beef Farmers and Nutritionists

sustentabilidade geral. O cereal possui um alto teor de energia e, portanto, o gado irá utilizar menos água, gerar menos emissões e produzir menos estrume/excrementos. Apesar de o gado bovino ser acabado de criar com cereais, esses cereais (normalmente milho) representam apenas 7% da alimentação do animal. Os restantes 93% consistem em forragens como a erva que ingerem quando pastam. Mas a dieta altamente energética permite que nessa etapa (que é a última fase alimentar antes do matadouro) se produza mais carne com menos emissões.

Quando se fala de carne de suíno, ser sustentável significa manter a atenção centrada na melhoria contínua. Os suinicultores são sustentáveis porque têm de o ser se querem preservar o estilo de vida agrícola e deixar o seu trabalho como legado para as gerações futuras. E é essa melhoria contínua que permite continuar a produzir mais carne de suíno com menos recursos.

Sources: USDA WASDE, USDA/NASS, USDA/AMS, USDA/FAS, Trade Data Monitor, U.S. Census Bureau, Oxford Economics, Wall Street Journal, NCBA, NPB

Graphics from: <https://www.beefitwhatfordinner.com/raising-beef/upcycling>; <https://www.pork.org/facts/pig-farming/6-things-you-dont-know-about-u-s-pig-farms/>

All cut and primal prices are USDA/AMS weekly reported U.S. wholesale prices — national FOB plant

Os números falam por si, devendo-se os resultados positivos à incorporação de tecnologia e à adoção de melhores práticas de gestão, tais como uma nutrição melhorada, melhores celeiros e uma melhor biossegurança.



Vendas fracas em restaurantes com serviço de mesa nos EUA, mas a perspectiva é otimista com os novos estímulos e o lançamento das vacinas

O U.S. Census Bureau divulgou os números finais relativos a vendas a retalho e serviços de alimentação referentes a dezembro. Nesse mês, as vendas em mercearia/supermercado aumentaram 10% em relação às do ano anterior, ao passo que as vendas dos serviços de alimentação e locais de venda de bebidas diminuíram 21%. Depois de se ter verificado em abril uma queda de 53% em relação ao ano anterior, as vendas dos serviços de alimentação tinham recuperado, atingindo o nível mais alto em comparação com setembro e outubro do ano anterior, com vendas a descer 14% e 13%, respetivamente. Porém, as vendas abrandaram em 19% em novembro, tendo as de dezembro sido as mais baixas em comparação com o ano anterior desde junho, mês em que tinham caído 23%. Na totalidade do ano, as vendas em

mercearia/supermercado totalizaram 760 mil milhões de dólares, 11% acima dos 683 mil milhões, com as vendas de serviços de alimentação e de locais de venda de bebidas correspondendo a 617 mil milhões de dólares, 19,5% abaixo dos 766 mil milhões de 2019. As vendas em restaurantes de serviço limitado caíram

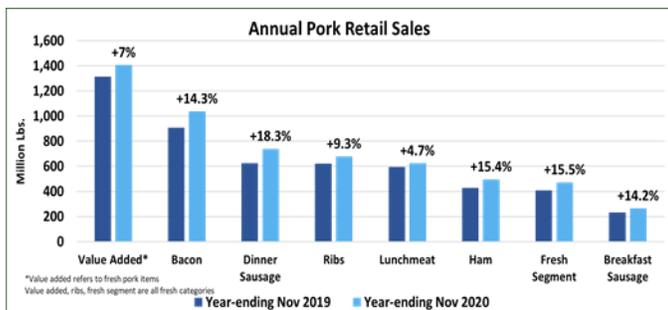


abaixo dos níveis de março a agosto do ano anterior, tendo, contudo, aumentado 3% em setembro e 4% em outubro em relação a 2019. Em novembro, as vendas desceram 1% em relação ao ano anterior, mas em dezembro voltaram a estar 1% acima dos níveis verificados um ano antes. O total relativo a janeiro-dezembro nos restaurantes de serviço limitado foi de 341 mil milhões de dólares, menos 4% relativamente ao ano anterior. As vendas em restaurantes com serviço de mesa estão desde março abaixo dos níveis de um ano antes. Em outubro, as vendas caíram 17% em comparação com 2019, o mais próximo dos níveis do ano anterior desde o início da pandemia, mas em novembro as vendas em restaurantes com serviço de mesa caíram 27% em relação a 2019 e em dezembro, com o aumento das restrições durante a terceira vaga e a descida das temperaturas, que limita o número de pessoas a jantar no exterior, as vendas caíram 35%. Na totalidade do ano, as vendas em restaurantes com serviço de mesa totalizaram 224 mil milhões de dólares, menos 29% do que no mesmo período do ano anterior. As restrições de acesso aos restaurantes para jantar variam conforme o estado, mas em janeiro, em metade dos estados, os restaurantes estavam ainda sujeitos a alguns limites de capacidade no seu interior. Na primavera passada, 159 milhões de americanos receberam cheques de incentivo de 1.200 dólares (por adulto), tendo havido no final de dezembro uma segunda emissão de cheques de incentivo no valor de 600 dólares por indivíduo. Segundo a Revenue

Management Solutions, a primeira emissão desses cheques ajudou a impulsionar as vendas de serviços de alimentação de 3 a 12% nas principais cadeias de restaurantes. É possível que tenha lugar nos próximos meses uma terceira emissão de cheques de incentivo, de 1.400 dólares, se/quando for aprovada uma nova lei de incentivo. Enquanto a segunda emissão de cheques muito provavelmente deu um novo impulso no curto prazo aos serviços de alimentação no início de 2021, o aumento da vacinação (e os níveis de sensação de segurança dos consumidores) será o grande fator de mudança no regresso aos serviços de alimentação. Segundo o Wall Street Journal, terão sido administrados 59,6 milhões de doses de vacinas nos EUA até 16 de fevereiro, tendo 12,6% da população recebido pelo menos a primeira dose. A Oxford Economics prevê que cerca de 60% da população dos EUA esteja vacinada até ao final de junho.

Procura impressionante de carne no comércio a retalho

No caso da carne, as compras dos consumidores americanos têm mantido a dinâmica desde o início da pandemia, com o volume de vendas a retalho de carne bovina a aumentar 11% em 2020 e o volume de vendas a retalho de carne suína a aumentar 16% no ano que termina em novembro de 2020. As vendas aumentaram em todas as categorias, tanto no caso da carne de bovino como no da carne de suíno. Houve um aumento de vendas de artigos de carne suína de utilização mais prática (como salsichas, bacon e presunto), bem como de artigos frescos da mesma carne, como lombo, costeletas e costela, uma vez que os consumidores compraram mais desses artigos mais conhecidos e populares para confeção em casa. Verificou-se um enorme crescimento nas vendas de bifês no comércio a retalho à medida que os



Sources: USDA WASDE, USDA/NASS, USDA/AMS, USDA/FAS, Trade Data Monitor, U.S. Census Bureau, Oxford Economics, Wall Street Journal, NCBA, NPB
Graphics from: <https://www.beefitswhatsfordinner.com/raising-beef/upcycling>; <https://www.pork.org/facts/pig-farming/6-things-you-dont-know-about-u-s-pig-farms/>
All cut and primal prices are USDA/AMS weekly reported U.S. wholesale prices – national FOB plant

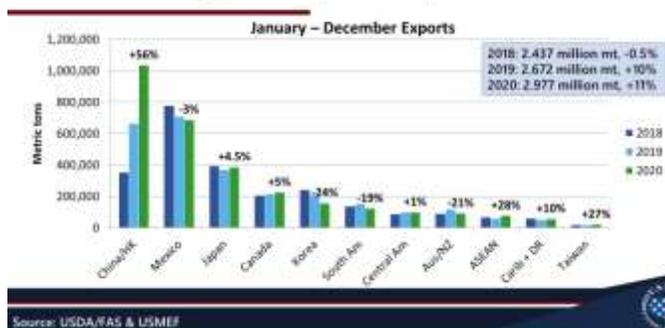
restaurantes com serviço de mesa foram sofrendo restrições e os consumidores procuravam desfrutar de

luxos acessíveis em casa, já que as suas despesas com o entretenimento diminuíram durante a pandemia. Em especial, o acém redondo, que já era um dos produtos principais no retalho, viu as suas vendas aumentadas em 27% durante 2020, representando 10% do crescimento total do volume de vendas de carne de bovino a retalho naquele ano.

A forte procura de exportações é mais um contributo positivo

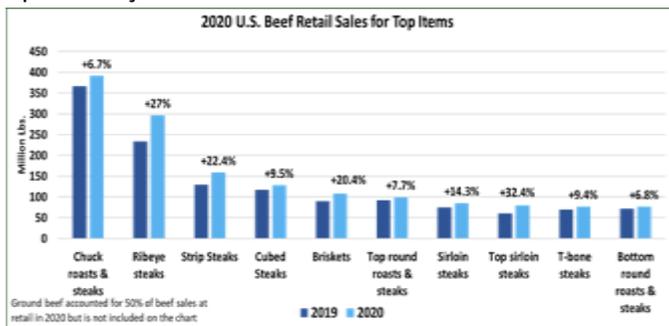
O impulso da exportação também continua a apoiar os preços. As exportações de carne suína, derivados e miúdos atingiram recordes em 2020, com 2,977 milhões de toneladas, mais 11% do que o recorde anterior atingido em 2019, representando 29,3% da produção de carne de suíno, derivados e miúdos (acima dos 26,9% de 2019). A China dominou o crescimento do volume de carne suína, mas verificou-se igualmente um crescimento noutros mercados, como a ASEAN, o Japão, o Canadá e a América Central. A USMEF espera uma diminuição das exportações para a China em 2021, mas está a prever um maior crescimento das exportações em 2021, impulsionado sobretudo por uma recuperação contínua das exportações para o México, mas também pelo aumento de exportações para um vasto conjunto de mercados. Em 2020, o total de

U.S. Pork & Variety Meat Exports to Top Markets



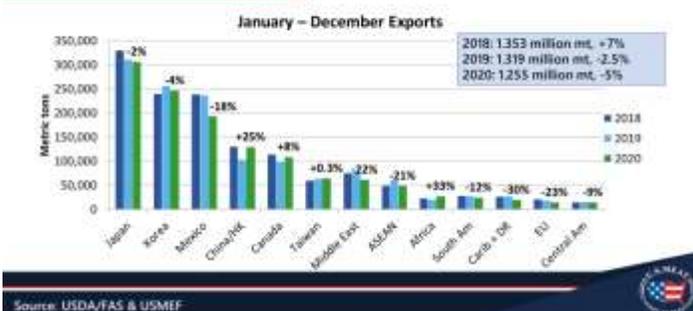
exportações de carne de bovino, derivados e miúdos foi de 1,255 milhões de toneladas, menos 5% (sendo as exportações de cortes de músculo de carne de bovino apenas menos 2%). A China foi também o mercado com mais crescimento relativamente à carne de bovino, seguida do Canadá e de África. As exportações de carne

de bovino tiveram um abrandamento no verão devido a perturbações do mercado relacionadas com a covid e



com o confinamento que travaram o turismo e os serviços de alimentação, mas no 4º trimestre as exportações voltaram a situar-se num nível superior às do ano anterior (situação impulsionada por uma recuperação relativamente ao México e Ásia), sendo

U.S. Beef and Variety Meat Export Volume to Top Markets

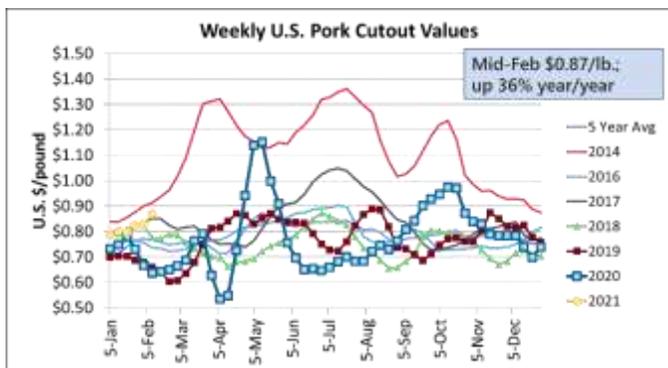


que nesse trimestre a exportação de cortes de músculo de carne bovina aumentou 10% em relação ao ano anterior e a exportação combinada de carne bovina/derivados e miúdos de carne bovina aumentou 4,5%. Os dados semanais recentes sobre exportação revelam que as exportações para a Ásia e o México tiveram um ainda maior impulso.

Os preços da carne de suíno mostraram uma tendência de subida em Fevereiro devido a maior procura no retalho e na exportação, com existências limitadas na armazenagem a frio

As peças de corte de carne de suíno atingiram em média 0,77 dólares/libra (c. 450g) em 2020, um preço estável relativamente a 2019. De forma contra sazonal, as peças de corte de carne de porco mostraram uma tendência de subida de finais de dezembro a meados de fevereiro, apesar da maior produção, com a continuação de uma forte procura interna no retalho, a procura de exportação e uma oferta mais limitada de armazenagem a frio. Na semana que terminou a 12 de fevereiro, as peças de corte de carne de suíno atingiram uma média de 0,87 dólares/libra, um aumento de 36% em comparação com o ano anterior, e todos os valores dos cortes principais foram mais elevados também em comparação com o mesmo período:

barriga/entremeada (1,44 dólares/libra, +96%), perna (0,77 dólares/libra, +41%), vão/lombo (\$0.79, +21%), quarto dianteiro/pá (\$0.57, +19%), costeleta (+\$1.48, +8%) e cachaço (\$0.74, +4%).

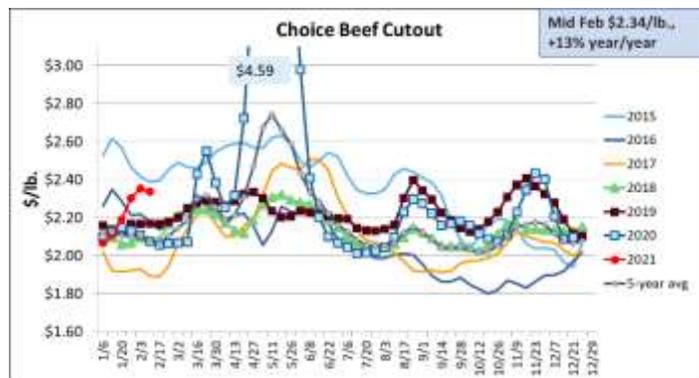


As existências de carne de suíno em armazenagem a frio diminuíram entre 21% e 25% em relação à média dos últimos 5 anos, de maio a dezembro. Mesmo estando a produção em franca recuperação desde o passado mês de junho, os utilizadores não puderam manter o fluxo de abastecimento, uma vez que a forte procura levou o produto a ser encaminhado para a venda a retalho e a exportação. A 30 de Dezembro, as existências de peças congeladas em armazenagem a frio permaneciam significativamente abaixo da média dos 5 anos anteriores no que se refere a barriga/entremeada (-30%), perna com osso (-40%), perna desossada (-25%), lombo com osso (-45%), cachaço (-19%) e costeleta (-30%).

O valor de corte de carne de bovino “choice” (qualidade intermédia) aumentou de forma contra sazonal em Fevereiro devido à forte procura

Depois de uma subida média de 7% em 2002 em comparação com o ano anterior, o valor das peças de carne de bovino de qualidade “choice” mostrou uma tendência de aumento contra sazonal em janeiro e início de fevereiro, sendo esse normalmente um período mais lento em termos de procura de carne de vaca, uma vez que, depois das festas, os consumidores tendem a gastar menos; este ano, no entanto, as compras de cortes de costeletas e do lombo mantêm-se elevadas no comércio a retalho e, com o tempo mais frio, aumentou sazonalmente a procura de cachaço/acém e de chã de fora/pojadouro para confeção de assados e outros pratos de conforto. Na semana que terminou a 12 de fevereiro, a média de preços das peças de corte de carne de bovino de qualidade “choice” foi de 2,19 dólares/libra, uma subida

de 13% na comparação a um ano. Os valores foram mais altos em comparação com os do ano passado nos cortes principais de qualidade “choice” do cachaço/acém (1,99 dólares/libra, +19%), costeleta (3,89 dólares, +18%), lombo (3,17 dólares, +17%), e



chão de fora/pojadouro (1,89 dólares, +5%), sinalizando uma forte procura no retalho, enquanto os cortes principais de prego do peito (1,34 dólares, -6%), aba (1,03 dólares, -8%) e peito (1,61 dólares, -9%), mais sujeitos à procura dos serviços de alimentação, foram mais baixos do que no mesmo período do ano anterior.